

Linguagem de nomes ausentes, o mundo não escrito, segundo Jimson Vilela

*Nunca lhe ouvi palavras extraordinárias - ouvi-lhe sempre
palavras que lhe vinham à boca molhadas de ternura*
Raul Brandão, *O pobre de pedir*, 1930

*Frente a frente, derramando enfim todas as palavras, dizemos,
com os olhos, do silêncio que não é mudez*
Ana Cristina Cesar, *Encontro de assombrar na catedral*, 1982

Ver e tornar tangíveis imagens do pensamento provocadas a partir de seu contato íntimo com o livro, com o livro-forma, com o livro-conteúdo, com o livro-objeto, com o livro-contidente, com o livro-espaço, com o livro-linguagem, com o livro-corpo etc. tem sido parte essencial da produção artística de Jimson Vilela na última década. Em seus investimentos¹, ora sutis, ora radicais, Jimson Vilela constantemente opera pela – e na – materialidade objetual do livro, sobretudo endereçando atributos e capacidades que inferimos “espirituais”. A constatação de que “livros são objetos espirituais” acompanhava Stéphane Mallarmé num projeto em que o poeta imaginava consigo um livro que seria o livro dos livros, jamais realizado ou realizável,

capaz de abarcar todas as relações que se estabelecem no universo além de portar em si todas histórias contadas e suas múltiplas e infinitas interpretações em potencial.

O *livro* de Mallarmé, devido ao tratamento dado à linguagem em sua escrita e na leitura, transformaria o leitor num coautor obrigatório.

Nas instalações *Adaptável ao espaço que as palavras ocupam* e *Névoa*, Jimson Vilela qualificou a experiência com o espaço a partir de medidas das relações entre o livro e sua contraparte irrevogável, o leitor encarnado num corpo que lê e é capaz de dançar. Desse encontro é que se atualizam, no sentido de efetivar-se em ato, o livro e a leitura, e sob tal mecânica polissêmica a instância da página é investigada e redimensionada em seu significado, seu espaço e sua materialidade. Interface fundante de todo processo, a página é recomposta pelo artista para, assim, veicular uma linguagem de nomes ausentes, de sensações que ainda não alcançaram um nome, de intervalos entre o que é visível e inteligível, do que resta por nomear (significando conhecer e tornar conhecido). A página – espaço frágil, quase imaterial, feito à medida do alcance da mão – esbanja sua alvura original e pode tanto exceder seus limites e proliferar em mais de uma tonelada de papéis pela arquitetura de uma biblioteca como ser retida na individualização de cada uma das folhas de um dicionário retificado pelo artista.

Adaptável ao espaço que as palavras ocupam, realizada em 2016, tomou o andar Flávio de Carvalho do Centro Cultural São

Paulo com uma tonelada de folhas de papel que enlaçavam o mobiliário e todo o espaço em torno de uma biblioteca. De um livro fechado e deitado ao chão se alongavam as páginas do miolo até alçar o cume das estantes e, assim, proliferar uma enxurrada branca por todo o espaço, de modo que o emaranhado de papéis dominasse ostensivamente o campo visual. Liliane Benetti notou a interessante relação que a instalação estabeleceu, *in loco*, com a biblioteca da instituição:

Todas aquelas páginas em branco escapam de um único livro, projetam-se no espaço, escorrem pelas estantes e pelo piso exibindo-se em contraste imediato com as fileiras de livros sistematicamente organizadas no andar de baixo, na biblioteca do Centro Cultural São Paulo. [...] Para um observador à distância salta aos olhos a justaposição simétrica das estantes de livros no andar de baixo e as estantes da exposição no andar de cima, abarrotadas de papel. Justapor uma forma tradicional de organização da biblioteca a uma outra, caótica e sem função, evidencia que é o texto impresso, a ideia do livro em sua forma física, o elemento organizador da biblioteca e de seu material mais básico, o papel.²

Névoa foi apresentada inicialmente na Galeria Progetti, no Rio de Janeiro, em 2013; posteriormente, na exposição *Narrativa*, no Espaço das Artes da Universidade de São Paulo, em 2018. Apropriando-se de um dicionário, o artista produziu apagamento dos conteúdos textuais de muitas das páginas, que foram, então, dispostas em sequência

na parede, de modo a formar um painel de quatro por quinze metros que capturava toda a percepção do visitante em suas tramas de silêncio, até que, surpreendido, este se deparava com o único verbete mantido legível ali: a palavra “névoa”, que, por sinal, significa “falta de clareza”, “aquilo que embaraça a vista”. Agnaldo Farias viu na imagem a ambiguidade entre o nomear e o ver.

Todos os verbetes foram reduzidos a borrões, todos eles reduzidos a pequenas porções de bruma à exceção de um: “névoa”. Derivado do latim Nebula, névoa, como sua fórmula desviante neblina, substantivo também aparentado com nuvem, poderia – por que não? – ser aplicada a letras e palavras liberadas da prisão de suas sintaxes, soltas e abertas à fusão de novas combinações. Ou, como também é o caso, letras raspadas, dilaceradas, reduzidas a fragmentos, emissoras de sons balbuciantes e inarticulados.³

Ver o livro, menos que lê-lo; vê-lo como artefato cultural e inteligência antropomórfica, a desdobrar-se formal e materialmente em aparições que traçam narrativas para o corpo, no espaço. Narrativas nas quais cada piscar conclui um fraseado, cada passo avança parágrafos, cada movimento respiratório deseja ritmar-se às sensações lidas enquanto batimentos cardíacos criam correspondências com a cadência da leitura. Contudo, nada está escrito, as páginas estão esvaziadas de conteúdo, exibem suas superfícies alvas. Para Jimson Vilela, o redescobrimto da forma do livro requer o apagamento da palavra

e a extinção do texto. O branco do papel protagoniza o discurso, em seu inacabamento e latência, e suspende a leitura do livro para exigir nova tarefa ao leitor, qual seja, a de projetar ali seus próprios textos, afetos, memórias, sentidos... ao percorrer com os olhos e com o corpo o livro, *menos* que lê-lo.

Mas a referência ao vazio, no entanto, não é da ordem da náusea existencial; as páginas em branco desejam contato que as acordem e postam-se como anteparos das experiências por acontecer. Indescrevíveis, portanto; ou, ainda, as palavras necessárias estão por ser inventadas ou descobertas... Trata-se da experiência da infância da linguagem, de contatos que antecedem qualquer nome; trata-se das sensações de incompletude do mundo; *nel vuoto del mondo* [no vazio do mundo] de Mira Schendel, e não do inefável, como aquilo que as palavras jamais alcançarão. Italo Calvino trabalha, em seu livro *Mundo escrito e mundo não escrito*⁴, as relações entre linguagem e realidade, alertando para o risco de domesticar – e mesmo de colonizar – a percepção da realidade pelas palavras, bem como para a missão da literatura de constantemente estabelecer novo *status* aos trânsitos entre o mundo das coisas e o mundo das palavras. Em suas obras, Jimson Vilela prefere obliterar a linguagem e o discurso escrito para enfatizar a forma, a ocupação do espaço arquitetônico e o endereçamento feito ao corpo, mais que a leitura habitual do visitante. A propósito, uma personagem de outro livro de Calvino, *Se um viajante numa noite de inverno*, registra

um desejo inquietante, imaginando o livro que sonha em escrever: *O livro deveria ser a contraparte escrita do mundo não escrito; sua matéria deveria ser aquilo que não existe nem poderia existir, exceto quando for escrito, e do qual se experimenta obscuramente a falta em sua própria incompletude.*⁵

Palavras⁶ surgem e se apresentam sempre sob materialidades excessivamente tênues, frágeis, seja quando são feitas de ar (na duração de um sopro, quando falada, a palavra produz um vento breve), seja quando caligrafadas ou impressas com líquidos (tinta sobre papel, ainda assim as palavras parecem desejar-se irrevogáveis à mesma medida que se tornam legíveis, superando as distâncias que excedem o homem, em espaço e ao longo do tempo). Feitas de matérias elementares tão fluidas, circunstanciais e ligeiras, as palavras constroem nossa linguagem, nossa “morada do ser”, segundo o filósofo Ludwig Wittgenstein. Linguagem que é capaz de tocar o real, inclusive sob o ponto de vista psicológico – para Jacques Lacan, só por meio dela se apreende o inconsciente, o qual também se estrutura sob uma lógica legível, por assim dizer. A própria etimologia do termo grego *lógos* indica que é pela linguagem que nos aproximamos de compreensões do mundo: tanto Palavra e Verbo quanto Razão e Lógica descendem de *lógos*, de modo que concluímos que o pensamento se estrutura enquanto linguagem.

Refletir sobre a dimensão imaterial das palavras; sobre o balbuciar da linguagem a se desprender das páginas em branco que

dominam nossa percepção, apresentando seu vazio ansioso por diálogo, ainda que em recusa à linguagem; sobre como o espaço da página é desconstruído e requalificado por Jimson Vilela, espacializando o livro para uma experiência corpórea, sensível (menos que uma leitura de texto propriamente); tudo isso parece, por fim, enfatizar exigências e ganhos fenomenológicos que os trabalhos produzem. O artista escreve:

Meus livros procuram no espaço um texto que os preencha – o começo ou o final de uma narrativa –, e, nesse processo, formas curvas e retas desenhadas pelas margens das páginas descrevem, em quase infinitos detalhes, jogos de acumulação, dispersão e continuidade. Os livros deixam de ser objetos no espaço. São lugares, arquiteturas orquestradas pela resistência do material após minha ação de organizá-los em outra lombada vazia.⁷

Invadir o mundo não escrito, portanto, é arriscar-se na fenomenologia. Jimson Vilela pensa o espaço da página a partir do corpo; suas narrativas são endereçadas ao corpo. Percebemos pela exclusão da linguagem e, novamente, pelo esvaziamento das páginas, o desejo de apresentar-se, materialmente, como “dado à percepção”, anterior à certeza do *lógos*. O artista quer suspender a experiência provocativa no espectador, a quem caberá formular as descrições dessa presença como objeto-imagem: a obra no mundo bem diante de seu corpo e sua consciência, a trazer informações naturais e culturais à matriz corporal, sensível.

O mundo não escrito, instalação realizada por Jimson Vilela no Museu de Arte de Ribeirão Preto (MARP), em 2021, ocupa toda a sala expositiva e nos coloca posicionados, inicialmente, às margens do que seria um rio – ou fragmento de mar – bastante caudaloso, espalhado ao rés do chão, no nível em que estamos, criado com massivas folhas de papel branco a se acumularem e produzirem em suas curvas e suas cadências as vagas alvas, capazes de alvejar o olhar e dominar o campo visual por toda a sala. Contudo, não se avista nem se indica o infinito nessa paisagem curta; intuímos na parede à frente uma interrupção do que seria a linha do horizonte e, por estarmos, ainda inicialmente, mirando dois píeres, convidando ao passeio breve pelos três degraus que nos levam a um patamar mais alto, no fundo da sala, devemos optar por um deles e seguir o trajeto. Ambos os caminhos oferecidos nos conduzem, paralelos, num formato semelhante, ainda que espelhado, a um horizonte descontínuado, que se encerra muito próximo, na parede. Pesa aí uma sensação forte de limite, de interdição mesmo do olhar. Encurvando, porém, o corpo em direção ao livro depositado no chão, no degrau final dos píeres, vemos de mais perto um livro que se abre. Contudo, será sua antípoda e irmã imagem espelhada à frente que chamará atenção às páginas, que a partir do miolo do livro se enraízam debaixo dos píeres e derramam-se com fartura, até misturarem suas águas na massa de papel que, agora sabemos, tem sua origem nos livros ali deixados. Caminhamos entre fluxos proliferantes do escrito e do lido num livro, quase imersos num emaranhado rizomático e

exuberante, num mar ondulado de páginas que nos interpelam.

Voltar às palavras do artista pode guiarnos: [Penso que] *arquitetura e livro são espaços com algumas regras próprias e particulares; meu trabalho é um esforço para fundir e, assim, subverter ambas as lógicas.*⁸ *O mundo não escrito* apresenta (não descreve) uma paisagem-imagem do infinito por entre os limites bem demarcados da sala expositiva – um panorama portátil, talvez ele todo cabível de se acomodar no miolo do livro, quando fechado entre capa e contracapa, infinito. Jimson Vilela nos enreda, assim, por caminhos que parecem inventados numa linguagem de nomes ausentes.

Júlio Martins

1 “Li, então, em voz alta, para dois. Incertezas repousaram sobre o som da palavra “investimento”. Buscamos nos dicionários presentes e pensamos, em silêncio, na atividade empregada por ambos ali. É sobre o que se veste.” Aprendemos com Jimson Vilela em *Ano*, um escrito de 2013, sobre o significado do verbo “vestir”: “aprontar”, “arrumar”, mas também “cobrir”, “esconder”. Tais possibilidades semânticas encontram ressonância nos investimentos do artista endereçados ao livro, em sua fisicalidade e para além dela. Inclusive, o próprio Jimson Vilela gostaria de contar com narradores atentos a seus investimentos sobre o livro (apagamentos, desmanches, retificações, redimensionamentos etc.) para talvez fazê-lo entender melhor todos esses gestos. Num escrito sem título, datado de 2018, escreve: “Aliás, eu gostaria de ter certos narradores à minha espera na sala em branco; eles poderiam discorrer sobre o que fiz até aqui”. Ambos os textos foram publicados em: Jimson Vilela, *Narrativa*. São Paulo: nunc edições de artista, 2018.

2 Jimson Vilela, *Adaptável ao espaço que as palavras ocupam*. São Paulo: nunc edições de artista, 2016.

3 Jimson Vilela, *Narrativa*, op. cit.

4 Italo Calvino, *Mundo escrito e mundo não escrito*. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

5 Italo Calvino, *Se um viajante numa noite de inverno*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

6 Em outro escrito, *Verbete*, de 2011 (exposto como obra em texto aplicado à parede), Jimson Vilela assim define “palavra”, apropriando-se de vocabulários de sistemas de identificação e classificação de minerais, considerando a palavra “coisa orgânica de ocorrência natural (necessidade do outro) e composição sonora definida pela combinação casual das letras”. Publicado em: Jimson Vilela, *Adaptável ao espaço que as palavras ocupam*, op. cit.

7 Jimson Vilela, *Narrativa*, op. cit.

8 Entrevista com Jimson Vilela realizada por Júlio Martins, entre maio e julho de 2015. Disponível em: <https://www.jimsonvilela.com/textos>.